

## UMA "CENA DE SANGUE" NO PASSO DOS NEGROS: A CONSTRUÇÃO DO RACISMO EM UMA NOTÍCIA DO JORNAL *A FEDERAÇÃO* (PELOTAS, 1903)

VITOR WIETH PORTO<sup>1</sup>; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [vtorwieth@gmail.com](mailto:vtorwieth@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [aristeuufpel@yahoo.com.br](mailto:aristeuufpel@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

As notícias de acontecimentos cotidianos se tornaram gradativamente mais constantes na imprensa brasileira a partir do final do século XIX. A difusão destes fatos diversos (*fait divers*) na imprensa brasileira não se limitou à função de entreter ou comover o público com relatos de crimes, tragédias e acidentes; ela também atuou como instrumento de construção de representações sociais hierarquizadas (GUIMARÃES, 2013; KALIFA, 2019). Conforme observa Dominique Kalifa (2017), esse gênero narrativo se apoiava em um imaginário social que delimitava um “*bas-fonds*” simbólico – espaço material e cultural onde eram alocados “desordeiros”, “vagabundos” e criminosos –, legitimando, assim, a intervenção moralizadora das elites. No contexto brasileiro do pós-Abolição, essa lógica se entrelaçou ao processo de racialização destacado por Wlamyra Albuquerque (2010), no qual a chamada “raça emancipada” era apresentada como uma cidadania de segunda classe, alvo preferencial de vigilância e controle. A representação dos libertos e das camadas populares como parte de uma “margem” social perigosa e indisciplinada funcionava, portanto, como mecanismo político: estigmatizava a pobreza, naturalizava a exclusão e, ao mesmo tempo, reforçava os valores e privilégios que sustentavam as classes dominantes (CHALHOUB, 2012).

No caso de *A Federação*, periódico alinhado ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), a apropriação desse modelo narrativo foi visível não apenas na estrutura dramática e sensacionalista das notícias, mas também na forma como enquadrava determinados sujeitos sociais. As ocorrências envolvendo trabalhadores pobres, negros libertos ou seus descendentes eram frequentemente apresentadas de maneira a reforçar estereótipos de indisciplina, violência e propensão ao crime, ecoando tanto o “*bas-fonds*” de Kalifa (2017) quanto a “raça emancipada” de Albuquerque (2010). Ao selecionar e dramatizar episódios de brigas, homicídios ou distúrbios, o jornal não apenas informava, mas colaborava na produção de um imaginário social que legitimava políticas de vigilância e de controle moral, especialmente no contexto de um pós-Abolição marcado por receios de desordem e pelo discurso de “moralização” via trabalho (CHALHOUB, 2012). Dessa forma, a análise dessas narrativas permite identificar como *A Federação* operava como veículo de reprodução e adaptação local de um repertório discursivo transnacional, articulando-o às especificidades políticas e sociais de Pelotas e do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas republicanas. Neste sentido, iremos utilizar uma notícia de um homicídio ocorrido na localidade do Passo dos Negros, na cidade de Pelotas do ano de 1903. Este corrobora exatamente com o raciocínio desenvolvido até o presente momento, especialmente por razão dos envolvidos nesse crime e a forma que o periódico constrói a descrição do referido caso.

### 2. METODOLOGIA

O jornal que extraímos a notícia analisada, *A Federação*, possui grande acervo na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, sendo este *website* que utilizamos para ter acesso ao mesmo. Como iremos abordar somente uma ocorrência específica, optamos por fazer uma breve análise interpretativa, evidenciando como a notícia é construída, destacando aspectos explícitos e implícitos na linguagem e estrutura usada para descrever o referido assassinato. Tal análise será ancorada em uma historiografia existente sobre o assunto, de mesmo modo que se utilizará de preceitos metodológicos específicos para o trato de fontes impressas. Apesar de tratarmos de somente um elemento dentro da estrutura interna do jornal, precisamos levar em consideração certos pontos trazidos por Luca (2008), como o público-alvo do jornal, quem o produz e situar suas publicações dentro do contexto histórico, ou seja, aspectos exteriores ao próprio impresso.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na segunda página da edição de 9 de setembro de 1903, *A Federação* publicou o seguinte:

Na tarde de domingo da semana passada, no lugar denominado Passo dos Negros, município de Pelotas, deu-se uma cena de sangue: Encontraram-se ali Trajano Manoel Machado, *branco*, de 17 anos, empregado de charqueada e o *crioulo* Manoel Marques, que tinham lá suas rixas. / Depois de troca de palavras ásperas, Manoel que vinha montado a cavalo, apeou-se e, de relho em punhos, agrediu o menor. / Trajano, *em defesa própria*, arranca de uma faca e fere uma, duas e mais vezes, prostando, para não mais erguer-se o seu contendor que em pouco era cadáver. / Imediatamente avisado, compareceu no local o capitão subintendente que providenciou a remoção do corpo, efetuando a prisão do criminoso. / *A vítima tinha maus costumes e era reconhecido desordeiro, ao passo que o menor Trajano goza de bom conceito* (A FEDERAÇÃO, 1903, grifos nossos).

Logo de partida, percebemos a necessidade do periódico em diferenciar Trajano e Manoel a partir de um critério racial. Um é branco, outro negro. Este teria esfaqueado seu rival em defesa própria, logo que teria sido agredido primeiramente com um relho. Desejamos atentar para a conclusão da notícia, evidenciando que apesar de homicida, o jovem Trajano gozava de bom conceito, enquanto a vítima seria um “reconhecido desordeiro”. O conceito a que se refere o periódico era relacionado à ocupação, tendo em vista que a moralização das classes populares nesse período estava diretamente ligada à uma adaptação ao modelo burguês de trabalho assalariado (CHALHOUN, 2012). O fato de a redação apontar que Trajano era um empregado de charqueada, enquanto nada é assinalado acerca de Manoel, vai ao encontro desta ideia. Podemos adicionar a isto que a desqualificação dos negros enquanto maus trabalhadores e incapazes de exercer o trabalho livre se desenvolveu no Brasil ao longo do século XIX, especialmente a partir da imigração de europeus para o país (AZEVEDO, 1987).

Entendemos que essas informações não são colocadas sem propósito. Pelo contrário. Trajano teria assassinado, sim, mas ao se defender de um homem negro perigoso, que além de não ter um emprego conhecido, possuiria certa fama e “propensão” à violência. A construção da racialização no período se dava a partir

de argumentações ditas científicas, como Antropologia Física e o Darwinismo Social, por exemplo. Renato da Silveira (1999, p. 143) aborda como “A ciência forneceu a jornalistas e escritores, além de estereótipos recauchutados, uma linguagem e uma convicção inabalável, uma força moral”. Podemos ver a referida força moral na notícia em questão, logo que *A Federação* fez questão de descrever um breve “perfil” do assassinado, elencando todas as suas características “negativas” para os padrões da sociedade. Os verdadeiros motivos que levaram à agressão inicial de Manoel são completamente ignorados, mesmo que o fato de ambos possuírem rixa seja fundamental para compreender o que levou à violência, logo que a reputação e a defesa da própria honra fossem elementos cruciais dentro das relações sociais ao final do século XIX e começo do XX (FAUSTO, 1984; VELLASCO, 2004; CHALHOUN, 2012; CARNEIRO, 2019).

Outro ponto importante para levarmos em consideração: a localidade em que este homicídio se deu. O Passo dos Negros, às margens do Canal São Gonçalo, é uma região possuía considerável importância para a economia de Pelotas, tendo em vista a presença de inúmeras charqueadas que, após a Abolição, ainda funcionavam com mão-de-obra assalariada (LONER, 1999; MATHIAS, 2020). Compreendemos que este espaço geográfico era alvo de constante vigilância das autoridades desde o Império, contexto em que a população negra escravizada era explorada em tais complexos fabris, o que tornava a região um ambiente temido pelas elites locais, especialmente durante o grande afluxo de pessoas no período da safra que ia de novembro a maio (AL-ALAM, 2013). A Abolição não diminuiu tais medos e tensões, tendo em vista que muitos dos antes cativos seguiram trabalhando nas mesmas atividades, os quais agora deveriam ser “moralizados” no novo regime de trabalho.

Nesse sentido, compreendemos que o Passo dos Negros poderia ser interpretado como um *bas-fonds* pelotense, um espaço perigoso pelos indivíduos que por ali circulavam, logo que eram as mesmas pessoas que representavam um perigo para a ordem social. Manoel seria somente um dos vários homens e mulheres de “maus costumes” e “desordeiros” que ali viviam e/ou trabalhavam. Afirmamos nisso não apenas com base de somente uma notícia, por mais significativa que ela possa ser. Em nossa pesquisa de doutorado ainda em desenvolvimento, encontramos diversas notícias de crimes citando diretamente o Passo dos Negros desde a década de 1890, algo que chama a atenção se levarmos em consideração que *A Federação* era um jornal de Porto Alegre. Certamente, podemos pensar que suas interpretações poderiam se dar a partir das colocações do *Diário Popular*, o jornal republicano de Pelotas, mas acreditamos não ser somente isso. Kalifa (2017, p. 235) observa como as representações dos *bas-fonds*, por serem elementos de um imaginário social, possuem aspectos constitutivos que não desaparecem de fato, permanecendo disponíveis em um estado latente, podendo assim ser remobilizados em (re)configurações posteriores. Desse modo, o Passo dos Negros seria um dos incontáveis locais que ameaçaria a ordem social numa constante, podendo ser evocado sempre que a redação do periódico sentisse a necessidade de apontar e moralizar a população negra. Não somente a nível municipal, mas estadual, tendo em vista sua abrangência e relevância política e social no contexto estudado.

#### 4. CONCLUSÕES

A análise da notícia evidencia que o jornal operava como um agente ativo na produção e difusão de um imaginário social racializado. A escolha das palavras, a

caracterização diferenciada entre acusado e vítima, bem como a ênfase nos “maus costumes” e na suposta periculosidade do homem negro morto, reiteram a lógica do *bas-fonds* descrita por Kalifa e a noção de raça emancipada. Assim, a notícia não se limitou a relatar um crime, mas funcionou como peça discursiva que reforçava hierarquias raciais e de classe, legitimando a vigilância e o controle sobre determinados territórios e populações. Ao situar o Passo dos Negros como espaço associado à desordem e ao perigo, o periódico contribuiu para cristalizar representações que, no início da República, articulavam medos sociais herdados da escravidão e novas formas de exclusão.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fonte citada

**A Federação**, Porto Alegre, p. 2, 9 set. 1903. Acervo da Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional Digital.

### Bibliografia

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. **Palácio das misérias**: populares, delegados e carcereiros em Pelotas, 1869-1889. 2013. 247f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. A vala comum da “raça emancipada”: abolição e racialização no Brasil, breve comentário. **História Social**, n. 19, 2010.

AZEVEDO, Celia Maria de. **Onda negra, medo branco; o negro no imaginário das elites – Século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CARNEIRO, Deivy Ferreira. **Uma justiça que seduz?** Ofensas verbais e conflitos comunitários em Minas Gerais (1854-1941). Jundiaí: Paco, 2019.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano**: a criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

GUIMARÃES, Valéria. **Notícias diversas**: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

KALIFA, Dominique. **Os bas-fonds**: História de um imaginário. São Paulo: EdUSP, 2017.

KALIFA, Dominique. **A tinta e o sangue**: narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

LONER, Beatriz Ana. **Classe operária**: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937. Vol. I. 1999. 395 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATHIAS, Simone Fernandes. **Passo dos Negros**: entre narrativas, etnografias e conflitos. 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa: o papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 23, 1999.

VELLASCO, Ivan de Andrade. **As seduções da ordem**: violência, criminalidade e administração da justiça: Minas Gerais – século 19. Bauru: EDUSC, 2004.